

LÍNGUA E IDENTIDADE E O FALANTE DE INGLÊS CANADENSE: QUE RELAÇÃO É ESSA?

Adelaide P. de Oliveira
Universidade do Estado da Bahia/Universidade Federal da Bahia

1. INTRODUÇÃO

Identidade e língua são elementos que se confundem quando tratamos da questão quem somos. Além desses dois traços, a cultura perpassa pelo encontro dos dois constituindo assim o trio que nos define.

Esses três construtos, entretanto, não são facilmente definidos e podemos encontrar várias definições a depender do campo de conhecimento que nos referimos. O campo de saber ao qual este trabalho se restringe é o da linguística aplicada. Isso significa que as definições que norteiam a pesquisa têm como fundamento a língua em uso, ou como explicam Davies e Elder (2004, p. 5):

A característica que distingue a linguística aplicada é a preocupação com atividades profissionais cujo objetivo é resolver problemas linguísticos relacionados com o mundo real, o que quer dizer que a pesquisa toca em um amplo campo de questões – psicológicas, pedagógicas, sociais, políticas e econômicas, como também linguísticas. Conseqüentemente, a pesquisa em linguística aplicada tende a ser interdisciplinar.

Assim, apesar das dificuldades de definição dos construtos que servem de fundamentação teórica para este trabalho, a proposta aqui colocada é a de responder a pergunta: como o falante nativo de inglês canadense se sente quando confundido com falantes de outras variedades de inglês e que impacto tem tal fato na sua identidade. Se o inglês canadense é confundido com os falares de americanos e ingleses, é possível que tal fato possua um impacto na identidade dos falantes de inglês canadense. Entretanto, para que uma conclusão seja atingida, seria necessário que algumas centenas de falantes nativos de inglês canadense respondessem ao questionário proposto neste trabalho. Como isto ainda não aconteceu, justifica-se a natureza piloto da pesquisa.

O suporte teórico proposto para a análise é que língua, cultura e identidade possuem traços inatos e não inatos que se combinam à medida que o indivíduo vivencia novas situações. Conseqüentemente, tais encontros vão, ao poucos, delineando novas formas de ver o mundo e novas identidades mediadas pela língua e pela cultura.

A análise das respostas até o momento revela que a maioria dos participantes já foi confundida com falantes de outras variedades de inglês, principalmente o inglês americano, mas somente uma minoria sentiu-se frustrado com tal acontecimento e não parece haver um grande impacto deste fato na identidade dos falantes. Um dos fatores

que pode vir a explicar tal resultado é que todos os participantes afirmam que a multiculturalidade que caracteriza o país os faz aceitar de forma harmoniosa tal diversidade cultural.

2. DEFININDO OS TERMOS

Definir termos como identidade, língua e cultura torna-se necessário uma vez que tais construtos possuem variadas interpretações a depender do campo do saber em que a pesquisa está incluída. Como já foi dito na introdução, este trabalho se inclui em linguística aplicada e por este ser um campo interdisciplinar, os conceitos aqui descritos irão também alcançar áreas como a antropologia, sociologia, a psicologia e a linguística propriamente dita.

2.1. Identidade

O conceito de identidade é, talvez, o mais difícil de ser definido. Entretanto, é possível afirmar que qualquer ser humano possui uma identidade na medida em que é alguém, nem que seja pelo fato de possuir uma certidão de nascimento e, na maioria das vezes, uma carteira de identidade. Tais documentos o identificam pelo nome, pelo nome dos pais, pelo local e data de nascimento e, acima de tudo, pelo número da carteira. Entretanto, nenhum dos dois documentos o identifica como falante de uma língua.

Assume-se, muitas vezes, que, pelo fato de ter nascido em um local X, este indivíduo fale uma língua X'. Parece óbvio que tal conclusão nem sempre é verdadeira, uma vez que a pessoa pode ser bilíngue ou nascer em um local X e crescer e ser criada em local Y, cuja língua Y' será sua L1. Ou ainda, nascer em um local X de pais que falam uma língua Y e essa será a sua língua materna. Ou até mesmo o fato de imigrar e morar em determinado país não torna o indivíduo falante da língua do país de sua residência se ela não constituir a mesma do seu país de origem. Há imigrantes que moram por vários anos em país estrangeiro e jamais aprendem ou falam a língua do país adotado. Ou seja, a identidade representada nos documentos é uma mera formalidade que nada quer dizer quando se trata de reconhecer o indivíduo como falante de uma língua e possuidor de uma identidade. A identidade não é só um nome e um número, mas, acima de tudo, é um processo ideológico mediado pela língua, que, por sua vez, medeia a cultura.

Além do nome, que identifica o indivíduo como alguém, há outro aspecto mais abstrato da identidade e de difícil denominação. Joseph (2004, p. 1), por exemplo, diz que

há “[...] aquela coisa mais profunda e inatingível que constitui quem realmente somos e para a qual não temos uma palavra precisa”.

No início das pesquisas em sociologia, aspectos da identidade como gênero, língua materna e etnia tendiam a ser tratados como conceitos diretos, de fácil categorização, relativamente homogêneo e com variantes de grupo estáticas. Tal pensamento, entretanto, nos tempos atuais é duramente criticado. Um indivíduo pertencia a um grupo social e etnolinguístico ou a outro, e as relações, fossem elas causais ou não, entre a identificação daquele grupo e certas características (como por exemplo, proficiência em uma segunda língua), comportamentos, atitudes ou motivações eram investigadas. Entretanto, as mudanças estruturais pelas quais a sociedade pós-moderna tem passado, provocam uma “crise de identidade” (HALL, S. 2006, p. 7). Assim, identidade, que antes era entendida como algo completo e terminado ou definitivo, passa a ser compreendida como algo não homogêneo e em constante mudança. Segundo S. Hall (2006, p. 12):

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas.

Assim, o autor identifica o sujeito pós-moderno como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente e cita outra afirmação sua, em que considera a identidade como uma “[...] ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, S., 1987 apud HALL, S., 2006, p. 13). Um bom exemplo desta afirmação pode ser vista no filme *Albergue Espanhol* (2003) na cena em que seis jovens estudantes discutem o conceito de identidade. Em um dado momento, um dos estudantes diz: “Não existe uma única identidade válida, mas uma grande variedade delas perfeitamente compatíveis. É uma questão de respeito”. Logo a seguir, o mesmo estudante afirma ainda que possui duas identidades: “Minha identidade da Gâmbia, que carrego internamente, e minha identidade catalã”. Ele não vê problema ou contradição em combinar suas duas identidades. Também, como afirma Joseph (2004, p. 5), “[...] sua identidade é composta, em parte, por várias identidades de grupos aos quais você pertence. Entretanto, você reconhece que há uma parte de você que transcende a soma das partes”.

Segundo Rajagopalan (2003, p. 41), “a identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela.” Entretanto, sabemos que uma língua não existe no vácuo. Ela não é um meio neutro de comunicação, e deve ser entendida com referência ao seu significado social. Se a língua não é neutra, e está repleta de significações que refletem o

meio social onde é falada, é justo dizer que a língua e a cultura têm um papel crucial na formação da identidade do indivíduo.

2.2. Cultura

A idéia de que língua e cultura são inseparáveis e influenciam-se mutuamente remonta ao século XIX, quando Humboldt enfatizou a relação entre a linguagem e a visão de mundo do homem. “[...] Os seres humanos tornam-se conscientes dos objetos somente com a ajuda de conceitos, e a linguagem é necessária para a existência dos conceitos” (LOSONSKY, 28 1999, p. xvii). Esse determinismo linguístico descrito por Humboldt será retomado mais tarde por Sapir e Whorf. No início do século 20, Sapir (1921) argumenta que o conteúdo da língua está intimamente ligado à cultura. Mais tarde, nos anos 1950, Whorf (1956, p. 231 apud SALZMANN, 1998, p. 42) levantou a hipótese de que “[...] o sistema linguístico por detrás de cada língua (em outras palavras, a gramática) não é um mero sistema de reprodução para dar voz às idéias, mas é ele próprio que dá forma às idéias”. Ou seja, falantes de uma língua compartilham valores simbólicos semelhantes, e assim, ao aprenderem a língua materna, também aprendem a associar os símbolos com algum aspecto relevante do mundo na situação em que se encontram de fato, ou apenas em uma imagem mental. Tal hipótese ficou conhecida como determinismo linguístico ou a hipótese de Sapir-Whorf. Entretanto, tal determinismo não explica os universais linguísticos propostos por Chomsky (1965) e linguístas hoje “[...] estão mais interessados na universalidade da linguagem e, conseqüentemente, na universalidade da experiência cognitiva e afetiva” (BROWN, 1986, p. 47).

O termo “cultura” tem sido discutido e explorado em várias áreas do conhecimento, entre elas os estudos culturais, a antropologia, a sociologia, e a sociolinguística. Pode-se prever, então, que haja tantas definições de cultura quantos sejam os estudiosos que com ela lidam. De acordo com Edward T. Hall (1973), o conceito de cultura foi definido de forma escrita pela primeira vez por E. B. Tylor em 1871 e “[...] após todos esses anos, ainda falta ao conceito, a especificidade rigorosa que caracteriza idéias muito menos revolucionárias e úteis” (HALL, 1973, p. 20). Há definições de cultura que têm como foco o sistema de classificação do mundo utilizado pelos membros de uma sociedade. A construção de tal sistema “propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados” (WOODWARD, 2000, p. 41).

Na abordagem humanista de E. Hall (1973), cultura está definida como comunicação e como uma forma do indivíduo de conhecer a si mesmo. Ele defende o estudo da cultura como uma razão para aprender algo útil e revelador sobre si mesmo.

Segundo Hall (1973. p. 32), “[...] uma das formas mais eficazes de se aprender sobre si mesmo é levando a sério outras culturas”.

Cultura também pode ser definida como cultura com C maiúsculo, isto é, cultura como civilização – os grandes feitos de um povo refletidos na sua história, arte, arquitetura, música e literatura. Ou ainda cultura com c minúsculo, ou seja, os costumes, os hábitos e as práticas do dia a dia de um povo (TOMALIN; STEMPLESKI, 1993).

Apesar de o conceito de cultura referir-se a uma abstração, uma noção puramente analítica, a cultura passa a existir como algo concreto e real no imaginário dos estudiosos e do leigo. Fala-se assim de uma cultura como agente causal ou como um ser consciente. Quando dizemos, por exemplo, que “a cultura baiana leva o turista a ver a Bahia como o paraíso das festas”, ou “a cultura baiana valoriza as festas”, estamos na verdade atribuindo à cultura uma característica de agente que pode fazer coisas. No entanto, esse entendimento essencialista de cultura contribui para perigosas generalizações a respeito das pessoas e leva aos estereótipos e ao enfoque nas diferenças.

Uma interpretação mais crítica do conceito de cultura, Holliday (1999; 2005) propõe o conceito de *small culture* (cultura no sentido restrito, ou qualquer grupo social coeso) em oposição aos conceitos definidos anteriormente aos quais ele dá o nome de *large culture* (cultura no sentido amplo, ou internacional, nacional, étnico). Segundo Holliday (1999, p. 240), o paradigma de cultura no sentido restrito não está relacionado com o tamanho, mas com “[...] grau de imposição na realidade”. Enquanto a cultura no sentido amplo apresenta o mundo dividido em culturas nacionais e étnicas essencialmente diferentes entre si, a cultura no sentido restrito “[...] refere-se à composição do comportamento coeso dentro de qualquer grupo social e não às características diferenciadoras de entidades internacionais, nacionais e étnicas prescritas” (HOLLIDAY, 1999, p. 247).

A cultura vista sob esse ângulo estabelece, para cada pessoa, um contexto do comportamento cognitivo e afetivo que permite interpretar a realidade como algo que emerge da relação do grupo social na qual se encontra no momento. Atkinson (1999) argumenta que não existem duas pessoas que tenham exatamente as mesmas experiências de vida ou visões de mundo, e que sendo assim, não existem duas pessoas que tenham exatamente a mesma cultura. Há muitos aspectos do comportamento que são culturalmente diferentes e que estão mais relacionados ao fato de pertencermos a uma cultura no sentido restrito (por exemplo, à família, à profissão, ou a outro fator social qualquer) do que às características da cultura nacional, ou seja, a cultura no sentido

amplo. Há diferenças culturais que se revelam entre pessoas de uma mesma nacionalidade, por exemplo.

Dentro desse contexto, a língua deve ser entendida como uma “[...] prática cultural, isto é, como uma forma de ação que tanto pressupõe como revela formas de ser no mundo” (DURANTI, 1997, p.1).¹⁹ Ao usarmos a língua, estamos fazendo isso como indivíduos que têm histórias socioculturais diferentes. A cada encontro com outras pessoas agiremos de acordo com uma identidade particular ou conjuntos de identidades “[...] que se torna relevante a depender da atividade propriamente dita, nossos objetivos e as identidades dos outros participantes” (HALL, J., 2002, p. 34).

Assim, identidade, língua e cultura se cruzam para caracterizar o indivíduo e situá-lo no meio em que vive de uma forma dinâmica e em constante mudança a cada novo encontro.

3. UM *FRAMEWORK* TEÓRICO

A proposta que segue para o entendimento da relação entre língua, cultura, e identidade tem como base conceitos cognitivistas para o entendimento da mente humana. Para os cognitivistas, a criança “[...] vem biologicamente equipada com uma capacidade inata para a aquisição da linguagem” e “[...] biologicamente equipada com um conjunto de princípios para a construção de gramáticas – princípios da gramática universal (GU)” (HORNSTEIN; NUNES; GROHMANN, 2005, p. 3). Esta GU, originalmente proposta por Chomsky (1976) para a linguagem, “[...] inclui **princípios** não variáveis, isto é, princípios que são geralmente verdadeiros para todas as línguas, e **parâmetros** que permitem a variação de língua para língua” (WHITE, 2003, p. 2, grifo nosso). Essa faculdade inata para linguagem explica, por exemplo, como o falante nativo adulto é capaz de atingir uma competência linguística apesar de estar exposto ao *input* linguístico restrito e pouco rico de detalhes (CHOMSKY, 1965). A competência estará sempre além da informação disponível no meio social que o cerca. Hornstein, Nunes e Grohman (2006, p.4) afirmam que “[...] as capacidades linguísticas do falante são uma função conjunta do *input* e dos princípios da GU, e apesar de complexos, esses princípios não precisam ser aprendidos já que fazem parte da faculdade inata da língua”.

No caso da cultura no sentido amplo, também existiria um componente nuclear, uma cultura universal (CIU), contendo um conjunto de princípios “[...] referente a um padrão integral do comportamento humano, aprendido e transmitido de geração para geração” (SALZMANN, 1998, p. 46). O conjunto de princípios aqui proposto conteria

apenas alguns elementos que podem ser encontrados em todas as culturas humanas e que as torna diferente de culturas não-humanas. Tal conjunto de princípios inatos pode ser explicado usando o mesmo argumento da pobreza do *input* de Chomsky (1965) para a aquisição da língua. Segundo Duranti (1997, p. 30), “[...] os antropólogos cognitivistas contemporâneos argumentam que para certos tipos de conceitos culturais, não há evidência suficiente na experiência das pessoas”. Assim como a gramática universal possui um número limitado de universais linguísticos, o componente universal da cultura também estaria limitado a alguns poucos princípios. Pinker (1995, p.410) defende que “[...] não há aprendizagem sem algum tipo de mecanismo inato que faz com a aprendizagem aconteça.”. Ele afirma que sob essa perspectiva:

Cultura não é resultado de um processo fantasma e sem corpo ou de uma força da natureza. “Cultura” refere-se ao processo no qual tipos específicos de aprendizagem se espalham de forma contagiosa de pessoa para pessoa em uma comunidade e as mentes se coordenam em padrões compartilhados, assim como “uma língua” ou “um dialeto” se refere ao processo no qual os diferentes falantes de uma comunidade adquirem gramáticas mentais muito semelhantes. (PINKER, 1995, p. 411)

A proposta de universais culturais pode parecer estranha a princípio, mas é possível identificar vários aspectos que estão presentes em todas as culturas. Donald E. Brown (1991), inspirado na teoria de Chomsky da gramática universal, fez uma revisão crítica de toda a pesquisa em antropologia e propõe características universais que estariam presentes em todos os povos. De acordo com D. Brown (1991, p. 42, grifo no original), “**Nada** na cultura humana aparece ou é transmitido sem levar em consideração a construção genética específica do ser humano.” O autor admite que apesar da universalidade, até aquele momento, não poder ser comprovada, “há uma grande probabilidade de que um fenômeno seja pelo menos um quase-universal, e por esta razão, parte significativa da natureza e condição humana (BROWN, D., 1991, p. 53). As características culturais universais foram descritas com riqueza de detalhes por Brown (1991) e ocupam pelo menos três páginas do livro de Pinker (1995, p.413 a 415). Esses traços podem ser classificados em: traços relacionados à língua (contar histórias, recitar poemas); categorizações (conceitos binários, palavras para membros da família); comportamento não verbal (expressões faciais para representar felicidade, dor); sexo, medos e instintos (senso de responsabilidade, atração sexual); uso de artefatos e utensílios (objetos usados para cozinha, para enfeitar); família (construída em torno de uma mulher, filhos e um ou mais homens); sociedade (leis, propriedade); comportamento social (rituais de passagem, festas). Parece, então, que é possível propor um componente biologicamente inato para a cultura. Pinker (1995) destaca que esses traços não são

inevitáveis e nem são as únicas semelhanças possíveis entre os povos ou mesmo necessariamente desejáveis. É apenas uma lista do que diferentes culturas tem em comum. Isto não quer dizer que, por exemplo, fazer fofoca esteja necessariamente geneticamente impresso no DNA do indivíduo. Como psicólogo evolucionista, ele afirma que os universais culturais humanos são um resultado de uma interação complexa entre o meio e a genética.

O componente cultural periférico, C', por sua vez, estabeleceria as crenças, valores, hábitos e costumes que identificam os indivíduos como pertencentes a culturas, no sentido restrito, diferentes. Esses elementos seriam aqueles que seriam transmitidos e aprendidos pelos indivíduos dentro dos seus grupos sociais e estariam incluídos no *input* que está presente no contexto social que nos rodeia. A diversidade de experiências dos indivíduos seria a matéria prima para o estabelecimento desses parâmetros que nos tornam indivíduos únicos.

Do mesmo modo, podemos interpretar a identidade como possuindo estes mesmos componentes: um núcleo, aqui denominado de identidade universal (IU) conteria um conjunto fixo de princípios ou traços, que nos identificam como seres humanos e nos caracterizam de forma diferente de outros seres vivos; e na periferia, os parâmetros identitários (I') que, influenciados pela língua e cultura onde nos inserimos nos transformam em indivíduos únicos. Tanto para a linguagem como para a cultura e identidade, os princípios são dados biologicamente inatos ao ser humano, enquanto que os parâmetros são estabelecidos através do *input* recebido da comunidade em que está inserido o falante.

A proposta aqui descrita e representada pela figura 1 abaixo desfaz a dicotomia natureza/educação na medida em que tanto elementos genéticos como elementos do contexto sociocultural interagem para compor o ser humano intercultural. As setas bidirecionais indicam as interconexões entre cultura, língua e identidade; o círculo central, os princípios universais dos três elementos; e o círculo externo, os parâmetros a serem estabelecidos pelo indivíduo a depender do que ele encontre no contexto ao seu redor. À medida que os parâmetros linguísticos são estabelecidos, novos elementos são acrescentados à identidade e à cultura do indivíduo. Entretanto, essas interconexões não se dão de forma automática. Têm que ser aprendidas tanto em língua materna como em segunda língua..

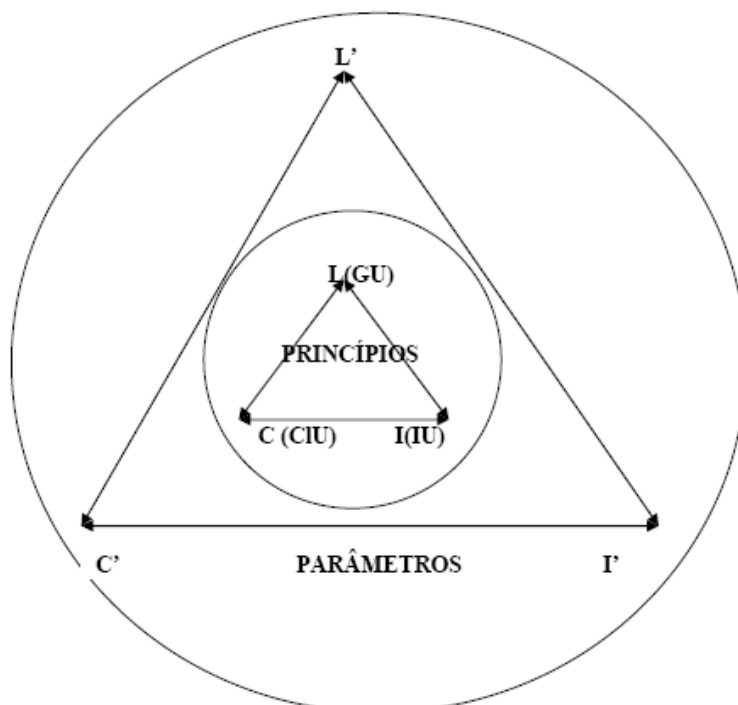


Figura 1: Representação da interação entre os princípios e parâmetros entre língua, cultura e identidade. (Legenda: Gramática universal (GU) Cultura universal (CIU) Identidade universal (IU) L2 (L') Cultura adquirida (C') Identidade adquirida (I')

4. O ESTUDO PILOTO

É apresentado a seguir um estudo piloto que tem como objetivo responder as seguintes perguntas: a) Como o falante nativo de inglês canadense se sente quando confundido com falantes de outras variedades de inglês? b) Que impacto tem tal fato na sua identidade? O estudo em questão encontra-se em fase piloto porque o número de questionários respondidos até o momento é insuficiente para atingir-se uma conclusão precisa a respeito das questões apresentadas. A expectativa é de obter pelo menos 300 questionários, mas até o presente momento somente 10% foi recebido. Acredita-se que a língua, a cultura e a identidade estão imbricadas de tal modo que os falantes terão pouca ou nenhuma conscientização do impacto da na identidade.

4.1. Participantes

Participaram deste estudo piloto 30 falantes de inglês canadense. A escolha foi randômica uma vez que o objetivo deste trabalho é o de atingir indivíduos de vários lugares do Canadá, diferentes faixas etárias e sexo.

4.2. Instrumento

Utilizou-se o questionário descrito na figura 2 abaixo para coletar os dados que poderão levar a um resultado final relevante a respeito das questões aqui levantadas. As questões foram desenvolvidas a partir do suporte teórico descrito na seção 3 acima.

QUESTIONNAIRE Age: Occupation: Male () Female () 1. What's your native language? 2. Have you been mistaken for a speaker of another variety of English? YES () NO () 3. If YES, which variety? British () American () Other() _____ 4. How did you feel? Frustrated () Angry () Other () _____ 5. How does Canadian English match your identity? 6. How is Canadian English different from other varieties of English? 7. At school, did you teachers talk about Canadian English or just English? 8. Which elements of your identity would you say make you unique?
--

Figura 2: Questionário para coleta de dados

4.3. Procedimento

A partir de dois canadenses falantes nativos de inglês que moram em Salvador, o questionário acima foi enviado por *email* para amigos e parentes que residem no Canadá. Até o momento em que este trabalho foi redigido, foram recebidos 20 emails com as respostas. Acreditamos que mais respostas serão recebidas até o final do ano. Além destes questionários, em visita ao Canadá em julho, mais especificamente a Nova Scotia, a autora entrevistou pessoalmente dez canadenses nas cidades de Sydney e Charlottetown. Todos os respondentes participaram voluntariamente da pesquisa.

Os questionários foram analisados sem auxílio de *softwares* de estatística do tipo ANOVA, por exemplo, dado o número de respostas até o momento. Entretanto, o plano é utilizar tal instrumento uma vez recebido todos os 300 questionários pretendidos para uma melhor análise e cruzamento dos dados.

4.4. Análise e discussão dos dados

Até o momento, os resultados obtidos após análise dos questionários são os seguintes:

- a. Os respondentes têm entre 45 e 68 anos; têm nível superior e trabalham sendo que dois são aposentados; 40% é do sexo masculino e 60% do sexo feminino.
- b. Todos são falantes nativos de inglês e não falam outra língua.

- c. 75% já foram confundidos com um falante de outra variedade de inglês sendo que destes, 70% foi confundido com americanos e 30% com ingleses. Nenhum reportou ter sido confundido com falantes de outras variedades.
- d. 50% não sentiram nada em relação a tal fato. Todos responderam que se sentiram “OK”. Entretanto, 10% sentiram-se frustrados; 25% sentiram-se zangados e 15% sentiram-se orgulhosos.
- e. Língua e identidade: 25% afirmam que apesar de o Canadá ser um país oficialmente bilíngue, eles só falam inglês. 25% ficam orgulhosos da herança inglesa ou escocesa que trazem (“I have British heritage from my grandfather who was from London”; “I have always felt my English was more in line with British English to a certain degree”; “I’m proud of my Scottish heritage”; “I speak only English and not French, this defines my identity”); 10% entendem que o nível de educação determina a identidade (“My education level defines my identity somewhat differently from those with lower levels of education.”); 30% não souberam responder e 10% responderam de forma vaga sem fazer referência a língua (“My identity is who I am”; “My identity is me.”)
- f. Todos os participantes da pesquisa identificam o sotaque e expressões como elementos que tornam o inglês Canadense diferente de outras variedades. Uma resposta que representa bem o que foi dito por todos é que “Canadian English is a blend of British and American English with First Nations and Eskimos words interspersed, along with bits of French.”
- g. Todos os participantes também foram unânimes quanto à variedade de língua inglesa apresentada pelos professores na escola. Nenhum se referiu a inglês canadense, mas apenas inglês.
- h. Todos os respondentes fizeram referência ao povo canadense como sendo um povo amigável e com uma boa reputação entre outros povos do mundo; como aberto a novas culturas e admitindo que as várias culturas presentes no território influenciam a língua. 80% responderam que não há um tipo médio e tipicamente canadense uma vez que “we have many faces and languages but what binds us now is the fact that we can have such diversity and still manage most of the time to live in harmony and respect for our differences.”

As respostas acima deixam transparecer que os participantes entendem suas identidades como atreladas à língua que falam e às influências multiculturais presentes no país. Apesar de ser, às vezes, confundidos com falantes de outros países, isso não os

afeta de forma negativa e são capazes de sentirem orgulho de tal confusão uma vez que também sentem-se honrados das suas heranças culturais familiares. É interessante notar que um dos participantes, por exemplo, ter dito que se sentiu frustrado ao ser confundido com um americano e ao mesmo tempo identificar-se mais com o falante de inglês britânico. Por ser descendente de ingleses, provavelmente o sentimento negativo pode ter origem nesse fato e não necessariamente em ser confundido com um falante de outra variedade da língua. Entretanto, segundo Crystal (2003, p. 39),

Muitos ingleses identificam o sotaque canadense como americano; muitos americanos o identificam como inglês. Os canadenses insistem em não serem identificados nem com um grupo nem com o outro e certamente a variedade apresenta, de fato, uma série de traços únicos.

Tal afirmação não parece ter sido comprovada até o momento pelos entrevistados apesar de confirmarem que a variedade que falam apresenta características únicas. A maioria não se mostra ofendida por ser confundida com falantes de outras variedades. É possível que, com um maior número de respostas, tal fato se confirme.

O fato de os participantes terem mais de quarenta anos pode ter algum efeito nas respostas, principalmente em relação ao inglês ensinado na escola. Assim como no Brasil há alguns anos atrás o professor de português não fazia referências ao português brasileiro com o faz hoje, também é possível que não houvesse tal conscientização nos professores canadenses. Espera-se que, com um maior número de questionários respondidos por participantes mais jovens, tal resposta lance um novo dado à pesquisa.

Outro dado interessante é o fato de que ao responderem à última questão, isto é, o que os torna únicos, esses participantes não se vêem como indivíduos mas sim como membros de uma nação-estado que é multicultural. Tal fato comprova que a maioria das pessoas não se vê como indivíduos com cultura e língua únicas, mas como parte de um todo. De certo modo, tal fato vai de encontro ao framework teórico aqui proposto, porém, acredita-se que isso se deve também à forma como a tríade, cultura, língua e identidade é discutida em sala de aula e na mídia. O povo baiano, por exemplo, é retratado na propaganda do governo e na mídia em geral, como alegre e festeiro. Apesar de nem todos os baianos serem alegres e gostarem de festas, eles acabam por se ver dessa forma. É possível que o mesmo aconteça no Canadá que é apresentado nas propagandas e nos programas como um povo cordato e amigável. Um dos respondentes, inclusive, faz referência a tal fato e cita a Olimpíada realizada em Vancouver um fator que levou o povo canadense a se orgulhar de quem é. Em suas palavras, "We are a modest people and, until the 2010 Olympics in Vancouver, BC, Canadians were not ones to boast

of their accomplishments. The success of that sporting event was a national awakening, and people began to realize that it was good to celebrate our wonderful nation and to embrace that which makes us different from the Americans, and the British and all of the other nations our country is blended from.”

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao invés de considerações finais talvez seja melhor falar de considerações finais preliminares. Como foi dito no início deste trabalho, este é um projeto piloto que deverá ser concluído até o final de ano quando se espera receber um numero maior de questionários respondidos.

Apesar da dificuldade de definição de termos como identidade e cultura, considera-se neste artigo, dentro de uma perspectiva da linguística aplicada que o primeiro termo deve ser visto como algo dinâmico e ao mesmo tempo fragmentado, passível de mudança a medida que novas experiências são vividas. Do mesmo modo, o segundo conceito pode ser entendido em um sentido restrito e não essencialista que está relacionado ao comportamento dentro de qualquer grupo social e não a diferenças nacionais e étnicas.

A relação língua, cultura e identidade aqui proposta entende o individuo como alguém que nasce com determinadas características determinadas geneticamente nos três campos e à medida que recebe o *input* do contexto em que vive, novos parâmetros vão sendo formados em todas as três áreas mediados pela língua.

Apesar do pequeno numero de participantes, acredita-se que é possível concluir-se temporariamente que o falante de inglês canadense não entende que a confusão feita entre eles e falantes nativos de outras variedades de língua inglesa, americana e britânica, provoca crise identitárias relevantes. Ao contrário, parece que a multiculturalidade que caracteriza a sociedade em que vivem, e o orgulho da ascendência britânica ou irlandesa que possuem, leva-os a reagir de forma positiva a tal não reconhecimento da identidade canadense.

Referências

ALBERGUE espanhol. (2003) Direção e Roteiro: Cedric Kaplisch. Produção: Bruno Levy. Música: Louis de Francesco. Los Angeles: Twentieth Century Fox. 1 DVD (124 min), widescreen, color. Produzido por Twentieth Century Fox Home Entertainment, Inc.
Atkinson, Dwight. (1999) TESOL and culture. **TESOL Quarterly**, Alexandria, Va: TESOL, v. 33, n. 4, p. 625-654, Winter.

- BROWN, Donald E. (1991) **Human universals**. New York: McGraw-Hill, 1991.
- BROWN, H. Douglas. Learning a second culture. In: VALDES, Joyce M (Ed.). (1986) **Culture bound**. Cambridge: Cambridge University Press. p. 33-48.
- CHOMSKY, Noam. (1965) **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge, Mass: MIT Press.
- CHOMSKY, Noam. (1976) **Reflections on language**. London: Temple Smith.
- CRYSTAL, David. (2003) **English as a global language**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press.
- DAVIES, Allan; ELDER, Catherine. (2004) **The Handbook of Applied Linguistics**. Malden, MA: Blackwell.
- DURANTI, Alessandro. (1997) **Linguistic Anthropology**. Cambridge: Cambridge University Press.
- HALL, E. T. (1973) **The silent language**. New York: Anchor Books.
- HALL, Joan K. (2002) **Teaching and researching language and culture**. Essex: Pearson Education.
- HALL, Stuart. ((1987) Minimal selves. In: **Identity: the real me**. ICA Document 6. Londres: Institute of Contemporary Arts. Apud HALL, Stuart.(2006) **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- HALL, Stuart.(2006) **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- JOSEPH, John E. (2004) **Language and identity: national, ethnic and religious**. London: Palgrave Macmillan.
- HOLLIDAY, Adrian.(1999) Small cultures. **Applied Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, v. 10, n.2, p. 237-264.
- HOLLIDAY, Adrian. (2005) **The struggle to teach English as an international language**. Oxford: Oxford University Press.
- HORNSTEIN, Norbert; NUNES, Jairo, GROHMANN, Kleantes K. (2005) **Understanding minimalism**. Cambridge: Cambridge University Press.
- LOSONSKY, Michael (Ed.). (1999) **Humboldt - On language: on the diversity of human language construction and its influence on the mental development of human species**. Translated by Peter Heath. Cambridge: Cambridge University Press.
- PINKER, Steven. (1995) **The language instinct: how the mind creates language**. New York: HarperPerennial.
- RAJAGOPALAN. Kanavillil. (2003) **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e questão ética**. São Paulo: Parábola.
- SALZMANN, Zdenek. (1998) **Language, culture and society: an introduction to linguistics anthropology**. Colorado: Westview Press.
- SAPIR, Edward. (1921) **Language: an introduction to the study of speech**. New York: Harvest Books.
- TOMALIN, Barry; STEMPLESKI, Susan. (1993) **Cultural awareness**. Oxford: Oxford University Press.
- WHITE, Lydia. (2003) **Second language acquisition and universal grammar**. Cambridge: Cambridge University Press.
- WHORF, Benjamin. Science in Linguistics. In: CARROLL, J.K. (Ed.) (1956) **Language, thought, and reality: selected writings of Benjamin Lee Whorf**. Cambridge: MIT Press, 1956. p. 207- 219. Apud SALZMANN, Zdenek. (1998) **Language, culture and society: an introduction to linguistics anthropology**. Colorado: Westview Press.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In:

SILVA, Tomaz Tadeu (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. (2000) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 7-53.

